



A conectividade em Palmas: aplicação dos projetos de inclusão digital na vida das pessoas¹

Ricardo Patrésio Araújo PESSOA²

Darlene Teixeira CASTRO³

Fundação Universidade do Tocantins - UNITINS, Palmas, TO

RESUMO

Com o avanço das tecnologias, um tipo de indivíduo vem surgindo perante a sociedade, o que conhecemos como “excluído digital” ou “analfabeto digital”. São pessoas que estão à margem do que chamamos de sociedade da informação. Com isso, gestores públicos, governo, sociedade civil e instituições de ensino tentam minimizar essa realidade, com a oferta de projetos de inclusão digital que possam amenizar a situação. O presente artigo analisou dois projetos de inclusão digital existentes em Palmas: Palmas Virtual e SESI- Indústria do Conhecimento, e buscou averiguar o seu impacto na vida das pessoas que o utilizam bem como descrever cada projeto.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão digital, exclusão digital, conectividade

INTRODUÇÃO

Palmas, capital do Estado do Tocantins é uma cidade que surge no centro do país, capital migrante, nômade, e se constitui como uma tentativa de mudança para os que ali já residiam (nos entornos da capital) e aos que vieram de outros estados em busca de novas perspectivas.

Lemos (2004) afirma que a cibercultura forma-se precisamente da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da “socialidade” que ela adquire seus contornos mais nítidos.

Com as tecnologias de informação e comunicação a leitura da cidade torna-se não-linear, a entrada da cidade não precisa necessariamente ser um ponto geográfico específico, mas pode ser um *site* governamental da prefeitura ou do governo, acessado em uma outra cidade ou país.

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, espaço e cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 17 a 19 de maio de 2012.

² Aluno do PIBIC Unitins, graduando em Jornalismo pelo CEULP/ULBRA, email: ricardopatresio@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Graduada em Jornalismo, Doutoranda em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, professora da UNITINS. Email: darlenetx@gmail.com.



Com a sociedade da informação é possível criar oportunidades para a utilização de novos métodos e técnicas para o processamento das informações. Isso pode ser mais bem trabalhado com os recursos tecnológicos, propiciando novas demandas ao poder público e conseqüentemente, novas formas de interação com a comunidade.

O processamento da informação é focalizado na melhoria da tecnologia do processamento da informação como fonte de produtividade, em um círculo virtuoso de interação entre as fontes de conhecimentos tecnológicos e a aplicação da tecnologia para melhorar a geração de conhecimentos e o processamento da informação: é por isso que, voltando a moda popular, chamo esse novo modo de desenvolvimento de informacional, constituído pelo surgimento de um novo paradigma tecnológico baseado na tecnologia da informação. (CASTELLS, 2003, p. 54).

É importante se promover a sociedade da informação visto que esse paradigma oferece novas perspectivas para os indivíduos, ampliando novos modos de produção para a informação. Com isso, tem-se a possibilidade de criar novos conhecimentos gerados e utilizados pela sociedade.

Castells (2003, p. 53-54) nos adverte que: “na verdade, conhecimento e informação são elementos cruciais em todos os modos de desenvolvimento, visto que o processo produtivo sempre se baseia em algum grau de conhecimento e no processamento da informação”.

Castells (2003, p. 69) ainda complementa que “o que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso”.

Com isso, percebe-se que as Tecnologias de Informação e Comunicação não devem ser consideradas como ferramentas, mas processos que devem ser desenvolvidos para a criação e geração de conhecimento. A sociedade da informação acaba trazendo novas responsabilidades para os que desejam propor projetos que visam a diminuir a exclusão digital, pois a idéia é possibilitar a geração e o compartilhamento de conhecimentos para a sociedade.

A ampliação desse fenômeno ocorre com a internet. Temos a nosso dispor um número cada vez maior de informação e, como se sabe, ainda é para uma pequena parcela dos indivíduos. A partir disso, é preciso lutar para garantir acesso e condição para apropriação das tecnologias de informação e comunicação.



Lévy (1999) afirma que a rede de computadores é um universal sem totalidade, ou seja, que ela permite às pessoas conectadas construir e partilhar a inteligência coletiva sem submeter-se a qualquer tipo de restrição político-ideológica. Partindo desse princípio, o autor encara a Internet como um agente humanizador (porque democratiza a informação) e humanitário (porque permite a valorização das competências individuais e a defesa dos interesses das minorias).

Segundo Warschauer (2006, p. 31) “a mudança de foco da exclusão digital para a inclusão social baseia-se em três premissas principais: 1) a nova economia da informação e a nova sociedade de rede emergiram; 2) a TIC desempenha um papel decisivo em todos os aspectos dessa nova economia e nova sociedade; e 3) o acesso á TIC, definido de modo amplo, pode ajudar a determinar a diferença entre marginalização e inclusão nessa nova era socioeconômica”.

Percebe-se que a inclusão digital depende diretamente da inclusão social e só pode efetivamente acontecer se houver o envolvimento do governo, das empresas e da sociedade como um todo. É importante compreendermos que não é a mera aquisição de equipamentos que vai fazer com que a inclusão digital ocorra, mas sim, o desenvolvimento, planejamento e implantação das ações que levem a minimização dos excluídos digitais no país. Isso pode ocorrer mais facilmente se os projetos visarem não só o fornecimento de hardware e software, mas, também, aos sistemas sociais e humanos, proporcionando acesso significativo as tecnologias.

Lemos e Costa (2005, p. 2) afirmam que “estar inserido digitalmente passa a ser um direito dos cidadãos, e uma condição fundamental para a sua existência no mundo da informação e da comunicação globais. Incluir cidadãos à era da informação passa a ser uma obrigação para os poderes públicos já que comumente associa-se inclusão digital como uma forma de exclusão social”.

Para Martini (2005, p. 22) estar incluído na sociedade é “condição vital para o desenvolvimento de qualquer cidadão e cabe as várias esferas do governo, ao poder local, dar oportunidade de incluir a população nos benefícios do mundo em rede, promover a cidadania digital e consolidar os direitos à cidadania”.

Os projetos de inclusão digital devem contribuir para que possam instaurar novas dinâmicas nas cidades para se utilizar melhor os espaços físicos e eletrônicos na sociedade contemporânea e, com isso, coordenar, planejar, acompanhar e avaliar as ações necessárias para o desenvolvimento de projetos de inclusão digital e social como meio para promover a sociedade da informação e do conhecimento.



Provavelmente a melhor forma de combater a apartheid digital em longo prazo é investir diretamente nas escolas de modo que os alunos possam ter acesso desde cedo às novas tecnologias. (NÉRI, 2003)

Um dos grandes desafios neste processo de inclusão digital é a tomada de consciência para que a grande maioria das pessoas que se encontram excluídas socialmente possam utilizar os recursos da tecnologia da informação e comunicação para ampliação do conhecimento.

As novas tecnologias da informação e comunicação podem e devem ser um instrumento para se alcançar estes objetivos. A questão da inclusão digital deve estar fortemente ligada a uma proposta de política pública clara e eficiente, que contemple todos os aspectos aqui levantados. Algumas iniciativas já estão sendo colocadas em prática, mas o certo é que ainda há muito que se fazer para se alcançar uma inclusão digital plena.

1.1 Inclusão Digital no Brasil

Por vários anos a sociedade mundial tem sobrevivido por meio de suas descobertas e invenções, sendo fatores essenciais para trazer o desenvolvimento e melhoria da vida dos cidadãos. Segundo Sorj (2003, p. 11), “o mundo se globaliza desde Cristóvão Colombo. Os processos de globalização são múltiplos: tecnológicos, econômicos, sociais, políticos e culturais”.

No Brasil, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), tem ajudado a melhoria da vida dos brasileiros. Em pleno século XXI, dentro de uma sociedade moderna, a internet e seus recursos, se tornaram bastantes úteis e necessários para o dia-a-dia.

Em recorrência a este fato, pesquisas mostram que as novas tecnologias são capazes, mesmo que involuntariamente de aumentar a desigualdade social, como cita Bernado Sorj em seu livro *Brasil@povo.com*.

Se os dados atuais mostram que as novas tecnologias têm produzido, em geral, o efeito de aumentar as desigualdades sociais intra e internacionais, existem também indicações de que elas, igualmente, possuem o potencial de facilitar a vida dos setores menos favorecidos e de serem mobilizadas para o serviço de estratégias sociais e políticas públicas distributivas. (SORJ, 2003, p. 14)

Dessa maneira, os indivíduos que não tem contato ou noções das funções de um computador são considerados como “analfabetos digitais” – nova versão do “analfabeto



funcional” – sendo que muitas dessas pessoas vivem em setores de “baixa renda” (SORJ, 2003, p.16). Por razão disso, gestores públicos do Brasil começam a implantar projetos de apoio à educação digital, incluindo os brasileiros na era virtual.

Os projetos mais aplicados pelos governantes são chamados de telecentros⁴, ou seja, locais com acesso livre para internet e espaço livre de estudo, literatura e entretenimento, com a missão de luta contra a “exclusão digital”. No entanto, estar conectado na internet por meio do computador não significa estar incluído na “sociedade da informação⁵”. Para que aconteça “a inclusão de uma sociedade no mundo digital deve partir da necessidade de se construir uma sociedade do conhecimento e do acesso facilitado, crítico, livre e democrático à informação” (LEMOS, 2007, p. 31).

Portanto, “A alfabetização em informação deve criar aprendizes ao longo da vida, pessoas capazes de encontrar, avaliar e usar informação eficazmente para resolver problemas ou tomar decisões” (JAMBEIRO & STRAUBHAAR, 2004, p. 233). Segundo André Lemos, a inclusão digital acontece na união de fatores políticos e sociais.

Incluir digital e socialmente deve ser uma ação que ofereça ao indivíduo condições mínimas de autonomia e de habilidade cognitiva para compreender e agir na sociedade informacional contemporânea. Incluir é ter capacidade de livre apropriação dos meios. Trata-se de criar condições para o desenvolvimento de um pensamento crítico, autônomo e criativo em relação às novas tecnologias de comunicação e informação. (LEMOS, 2007, p. 46)

Por fim, devemos estar atentos, pois não basta incluir uma pessoa ou uma sociedade na esfera digital, temos que prepará-los para serem indivíduos críticos, capazes de desenvolver pensamentos e idéias em prol de sua melhoria de vida.

1.2 Inclusão Digital em Palmas

Em pleno século XXI, “o Brasil apresenta 55% do mercado de informática da América Latina e menos de 10% da população está conectada” (LEMOS, 2007, p. 31). Isso significa que a nação “verde-amarela” não vive completamente na “sociedade da

⁴ Também conhecido como infocentro, um telecentro usual é um espaço físico com computadores conectados à Internet para uso comunitário e, normalmente, gratuito. (JAMBEIRO & STRAUBHAAR, 2004, p. 231)

⁵ A “Sociedade da Informação” é hoje a denominação mais usual para indicar o conjunto de impactos e conseqüências sociais das novas tecnologias da informação e da comunicação. (SORJ, 2003, p. 35)



informação”, são encontradas pessoas que vivem na margem da inclusão digital, que vê o computador como algo inatingível.

No Tocantins, a realidade vivida no estado não é tão diferente quanto o do resto país. Na cidade de Palmas – TO, capital do estado, a gestão pública já vem investindo em recursos e projetos para mudar essa imagem de “exclusão”, que se encontra na cidade e demais localidades.

Em prol da educação e do conhecimento, a prefeitura da cidade criou alguns telecentros, chamado de Cidade do Conhecimento – logo seria Palmas Virtual – todos espalhados em pontos estratégicos do município. O objetivo naquela época era ter acesso ao “universo virtual”, disponibilizado pela Rede Mundial de Computadores, a internet. Ao passar do tempo, gestores públicos notaram que era necessário investir mais, pois “a inclusão digital não deve ser apenas um modelo de ensino técnico, onde alunos aprendem determinados softwares e como navegar na internet” (LEMOS, 2007, p. 41)

Segundo André Lemos, um modelo de projeto que envolve inclusão digital deve compreender e estimular diversas formas de emissão de informação, para uma maior inserção social e cultural do indivíduo” (LEMOS, 2007, p. 41). O mesmo completa afirmando que na sociedade moderna, ou melhor, “sociedade da informação”, existe os modelos de inclusão espontânea e induzida.

A vivência na “sociedade da informação” coloca os cidadãos em meio ao que estamos chamando de inclusão espontânea. A forma induzida é aquela em que se criam espaços, projetos, dinâmicas educacionais por iniciativas governamentais, privadas ou do terceiro setor (telecentros, cibercafés, SACs, ONGS, etc), visando induzir a formação, o acesso e a destreza no manuseio das novas tecnologias de comunicação e informação. (LEMOS, 2007, p. 43)

No caso dos telecentros do município de Palmas – TO, os locais sofreram um abandono quase completo, os motivos mais aparentes são o surgimento de acesso pago, as lanhouses na cidade e a informatização das escolas.

2. O cidadão e a Inclusão Digital

Por vários anos o ser humano procura maneiras de estar à frente de seu tempo, dessa forma, se manter atualizado e sobreviver numa sociedade extremamente competitiva. Na cidade Palmas – TO não é diferente. Por ser um município novo, o



progresso e o avanço tecnológico não está totalmente presente no cotidiano dos cidadãos palmenses.

Nessa trajetória, empresas da cidade de Palmas – TO, já começam exigir que seus candidatos possuam curso básico de informática. Por meio disso, a “exclusão digital” afeta os indivíduos que não tem conhecimento para o controle imediato das ferramentas e recursos tecnológicos.

Atualmente, como em todo o país, a sociedade da cidade de Palmas – TO está modernizando, pois com as descobertas e inovações referentes às TIC, os cidadãos tem várias formas de acesso a internet e o “universo virtual”, estando mais ligado a “esfera digital”. Dessa maneira, os indivíduos se mantêm conectados e informados, sendo em computadores nas residências ou nas Lanhouses, além de celulares e aparelhos digitais (Ipod, Smartphone, Tablet e etc), que tem conexão com a “Rede”. Os telecentros continuam presentes no cotidiano da cidade, mas sofrendo com a falta de recursos e divulgação.

2.1 Telecentros de Palmas: Palmas Virtual e SESI: Indústria do Conhecimento

O projeto de pesquisa procurou durante os meses de Agosto e Setembro de 2011 visitar e coletar dados em telecentros dentro do município de Palmas – TO. Os locais escolhidos para o levantamento de informações foram: SESI: Indústria de Conhecimento e o Palmas Virtual. Os telecentros possuem espaço amplo de estudo e leitura, além de acesso a internet gratuita.

Nesse período foram encontrados dois telecentros funcionando: o telecentro Palmas Virtual, no Shopping da Cidadania em Taquaralto e o telecentro SESI: Indústria de Conhecimento, na região norte da cidade, próximo a estação de ônibus, Apinajé. No mês de Agosto também foram procurados outros telecentros para a aplicação de questionários aos usuários do local, no entanto, foram encontradas fechadas, por falta de segurança ou por falta de aplicação de projeto administrativo no local.

O telecentro Palmas Virtual em Taquaralto, administrado pela prefeitura da cidade, possui amplo espaço físico, mas não está preparado para estudo ou outras práticas sociais. Em contrapartida, o ambiente oferece inúmeros computadores funcionando corretamente. A coordenadora do espaço informou no momento da entrevista que o espaço oferece cursos de informática, no entanto, o projeto não estava em funcionamento durante a vigência das visitas.



No telecentro SESI: Indústria de Conhecimento, o local é administrado pelo Serviço Social da Indústria que disponibiliza aos usuários amplo espaço físico, adequado para estudo e leitura, além de acesso a internet. O espaço conta com 10 (dez) computadores funcionando corretamente. Em contrapartida, o local não oferece nenhum tipo de curso de capacitação ou aprimoramento profissional, focado na inclusão digital. Mesmo o espaço estando em perfeitas condições de funcionamento, a procura é pequena e a rotatividade de pessoas é baixa.

Com relação a infra-estrutura, o telecentro SESI: Indústria do Conhecimento está localizada na região central da capital do Tocantins, próximo a primeira estação de ônibus do município, Apinajé, e do prédio da Assembléia Legislativa do Estado. O telecentro Palmas Virtual esta dentro do prédio “Shopping da Cidadania” em Taquaralto, região sul de Palmas. Ambos os lugares possuem movimentação de pessoas, por ser tratar de locais público ou próximo à órgãos de serviço à sociedade.

No primeiro telecentro, a estrutura física é adequada ao padrão de serviço oferecido no local. O prédio tem uma fachada visível e curiosa – os banheiros lembram lápis de escrever gigantes – o espaço central é amplo para estudo/leitura e acesso a internet. O telecentro pertence ao Serviço Social da Indústria (SESI), atendendo alunos, pais e profissionais da instituição, mas é aberta a sociedade. O local é dividido em duas áreas – uma para estudo/leitura e a outra de acesso e navegação à internet.

Na área de leitura, o ambiente possui bastante livros, no entanto são de leitura infanto-juvenil com autores modernos e antigos. Nesse local foi encontrado 6 (seis) mesas adequadas para estudo e trabalho em grupo. Na área de navegação a internet, o visitante pode usufruir de 10 (dez) computadores, todos conectados a rede mundial de computadores. Um fato curioso, segundo as normas do local, é proibido entrar em sites de redes sociais, no entanto, alguns computadores não possui o bloqueio necessário, dessa maneira entrando livremente nesses sites. O atendimento de ligação no celular também é proibido dentro do telecentro.

O telecentro o Palmas Virtual está no centro de Taquaralto ao lado de um restaurante comunitário da região. O Shopping da Cidadania (local que está instalado o telecentro) oferece vários serviços públicos para os cidadãos palmenses do bairro. Por essa razão o telecentro tem bastante movimentação. A estrutura física é diferente do primeiro local visitado, pois os usuários têm apenas acesso aos computadores do telecentro.



Existe por volta de 20 (vinte) computadores que dividem espaço com caixas vazias, livros e outros objetos, deixando o local com um aspecto de bagunça. Percebeu-se, também, que as instalações elétricas não estão em bom funcionamento, prejudicando a usabilidade das máquinas pelos usuários.

O projeto possui por volta 12 (doze) anos de criação, sendo supervisionado pela Secretária Municipal de Educação e a Prefeitura de Palmas. Mesmo com todo esse tempo muitas pessoas da região fazem sua “primeira visita” ao telecentro. Ao contrário do primeiro local pesquisado, o acesso a internet é livre, podendo entrar em sites de relacionamentos, blogs, vídeo e música. Os equipamentos possuem fones de ouvidos gratuitos para os visitantes.

Na próxima seção, será apresentado o resultado dos dados levantados durante as visitas nos dois espaços de inclusão digital.

3. O que de fato acontece

Nos meses de Agosto e Setembro de 2011 foram visitados dois telecentros da cidade de Palmas/TO – SESI: IC⁶ e Palmas Virtual de Taquaralto. Durante as visitas, foram feitas várias entrevistas com os usuários dos locais por meio de questionário. O documento possui 21 questões entre respostas objetivas e subjetivas.

O formulário apresentado aos usuários se inicia com questões de referência pessoal, sendo que 83% dos entrevistados são homens e 17% são mulheres. O telecentro Palmas Virtual (Taquaralto) possui o menor fluxo de mulheres que freqüentam o local, sendo apenas 10%.

Em seguida foi perguntado aos usuários sua idade e 47% dos freqüentadores tem entre 21 à 30 anos, sendo esta faixa a mais presente em ambos os telecentros – 43% no Palmas Virtual e 54% no SESI: IC – nas visitas aos estabelecimentos não foi encontrado pessoas idosas (com mais de 65 anos).

A escolaridade foi a próxima pergunta, 57% dos usuários são de nível médio havendo apenas 3% do Ensino Fundamental. No telecentro Palmas Virtual, a maioria dos entrevistados são de nível médio (71%), ao contrário do telecentro SESI: IC que tem 36% dos freqüentadores de mesmo nível e 43% de nível superior incompleto.

Sobre a “atividade profissional”, foi dividido em três alternativas: estudante, trabalhando (sendo válido o estágio como trabalho) e desempregado. Dessa forma, 60%

⁶ Abreviatura para “Indústria de Conhecimento”.



de todos os entrevistados estão trabalhando, 11% são estudantes e 29% se encontram desempregados. Muitos dos usuários exercem funções (cargos profissionais) em serviço público, na área de vendas, engenharia e serviços gerais.

As próximas perguntas são de “uso geral”, que se refere em especial aos telecentros. Primeiramente foi perguntado aos usuários “O que é inclusão digital?”, a maioria respondeu que seria “as pessoas terem acesso a internet”. Entre os freqüentadores questionados uma resposta é interessante, “acesso e facilidade de informação, e formação na utilização dos equipamentos”, isto reflete a idéia de Sorj (2003), sobre a inclusão das pessoas no universo digital, além de terem acesso, os telecentros devem ensinar os usuários (terem um ofício na área).

A segunda pergunta foi “como eles conheceram o local (telecentro)?” e 60% dos entrevistados responderam por meio de um “amigo”. O curioso é que 29% deram como “outros” a resposta para a pergunta. Ao serem questionados, alguns explicaram a escolha como sendo indicados pela escola ou por familiares.

Sobre o “interesse” dos usuários em estarem no telecentro estava entre pesquisa, entretenimento, trabalho e outros. Os freqüentadores dos telecentros responderam 68% vão para pesquisar e 16% para entretenimento. Os usuários do SESI: IC (75%) tem mais interesse em pesquisa que o Palmas Virtual (62%). No entanto, o telecentro Palmas Virtual (24%) atrai mais pessoas por causa do entretenimento que o SESI (6%). A parte do “entretenimento” apontado resume na liberdade que o telecentro oferece aos seus usuários, além do mais, o Palmas Virtual, tem na sua maioria indivíduos do Ensino Médio, com idade que corresponde a adolescência. Em consequência do nível escolar e faixa etária essas pessoas muitas vezes além de procurar outras formas de estudar, aproveitam o tempo também para resolver assuntos pessoais, como pesquisas em jornais de notícias ou somente o entretenimento.

Sobre a “limpeza, organização e equipamentos” nos telecentros, 94% dos entrevistados estão satisfeitos. No Palmas Virtual, 10% dos usuários estão insatisfeitos, ao contrário do SESI: IC, que 100% dos freqüentadores são satisfeitos sobre essa questão. Agora sobre a “recepção” dos telecentros aos seus usuários 100% (Palmas Virtual e SESI) responderam que “sim”. Enquanto a “orientação para uso dos equipamentos”, 66% diz que tiveram “sim” alguma orientação por parte dos funcionários dos ambientes virtuais. Nesta pergunta, o telecentro Palmas Virtual, 52% dizem que “sim” contra 48% que afirmam “não” tiveram nenhuma orientação por parte dos funcionários. Sobre o “uso dos equipamentos”, 88% os freqüentadores dos



telecentros “não” tiveram nenhum tipo de problema, no entanto, 6% tiveram algum problema ao usar o computador e 6% tiveram problemas parciais.

Chegamos a questão sobre “tempo que frequenta o telecentro”, 36% frequentam a menos 1 mês. A maioria dos usuários da Palmas Virtual (33%) estão a mais de 1 ano no local e o SESI: IC são apenas 14%. O mesmo telecentro tem 57% de pessoas que frequentam a menos de 1 mês. Durante as visitas, o SESI: IC é um local afastado de lugares movimentados, por essa razão, são poucas pessoas que conhecem ou tem interesse de descobrir do que se trata o espaço. A “frequência de uso do telecentro até um mês”, a maioria dos entrevistados vão de 3 à 5 vezes por semana ao local e tendo 6% de pessoas que vão 1 vez por mês ou menos.

Na questão das “atividades realizadas no telecentro”, 44% da maioria dos usuários fazem “outras” atividades como acessar a internet, e-mail, escutar músicas e portais de notícia. No SESI: IC, 60% fazem “outras” atividades e o Palmas Virtual 33% fazem “outras” atividades e 29% usam o computador para trabalhos escolares.

A próxima pergunta foi sobre a “utilização da internet no telecentro”, teve apenas 3% dos entrevistados que afirmaram que “não” usam a internet. Esse valor corresponde aos 7% dos usuários do SESI:IC, que afirmaram “não” usar a internet, pois estão no local apenas para estudar/leitura. Os frequentadores do Palmas Virtual (100%) utilizam a web. Como apontado no tópico anterior, o SESI: IC tem um ambiente ampliado com capacidade para espaço de leitura e estudo, diferente do Palmas Virtual.

Ao serem perguntados sobre o “tempo de uso da internet do telecentro”, 35% usam a menos de 1 mês e 26% a mais de 1 ano. No SESI: IC, 54% usam a menos de 1 mês e 15% a mais de 1 ano. Os usuários do Palmas Virtual (33%) usam a mais de 1 ano e 24% usam a internet a menos de 1 mês e entre 1 à 3 meses, respectivamente.

A rotina dos usuários nos telecentros perante a internet (o que você faz na internet?) é na maior parte para pesquisar (38%), visitar sites de governo (13%) e conhecer outras pessoas (13%). No Palmas Virtual, 37% fazem pesquisa na internet e 15% conhecem outras pessoas. No SESI: IC, 39% fazem pesquisa e apenas 7% conhecem outras pessoas. Nesse telecentro 18% afirmaram que fazem “outras” coisas na internet, como acessar conta de e-mail, portais de notícia e trabalhos da faculdade.

Sobre “desenvolvimento ou publicação de algo na internet”, 63% dos entrevistados afirmam que “não” produz nada. No SESI: IC (57%) e no Palmas Virtual (67%) dizem que “não” produzem nada para a internet. No entanto quem respondeu que “sim” (37%), publicam na maior parte em páginas pessoais, ORKUT e blog (67%). O



Palmas Virtual (75%) e o SESI: IC (57%) publicam em sites pessoais e diários virtuais. Percebe-se que as redes sociais são as principais motivadoras desse compartilhamento e produção de informações.

Ao serem perguntados “se sentem mais informados utilizando a internet”, a resposta foi geral 100% dos usuários disseram que “sim” para a pergunta. O motivo para a maioria seria porque “traz as informações mais rápidas” e “ela junta todos os outros meios de comunicação”.

Para 80% dos entrevistados a “vida mudou” alguma coisa freqüentando os telecentros, enquanto 20% dos usuários afirmam que não mudou em nada utilizar os telecentros. Os usuários do SESI: IC (100%) foram positivos na resposta a pergunta e apenas 67% dos entrevistados do Palmas Virtual disseram “sim” a questão. Para as respostas “positivas”, 30% dos usuários afirmaram que voltaram a estudar e com facilidade de aprender, 23% tiveram novos amigos e 10% “outras” coisas como oportunidade de trocar informações, produção de trabalhos escolares e pesquisa, e encontra uma namorada. No telecentro SESI: IC, 48% voltaram a estudar e no telecentro Palmas Virtual 37% tiveram novos amigos.

Sobre a “necessidade de adquirir um computador”, 57% dos entrevistados afirmaram que tem vontade de comprar um PC depois de usar os equipamentos dos telecentros. No Palmas Virtual, 62% disseram “sim” a compra do aparelho, no entanto 1% já possui computador com internet. No SESI: IC, 50% disseram que “sim” para aquisição de um computador, sendo que 43% já possuem o equipamento, mas sem internet. Com o desenvolvimento tecnológico e a diminuição nos preços nos aparelhos de informática, computadores e acessórios estão mais acessíveis para a compra, no entanto a internet continua fora da realidade.

Se “além da internet”, os usuários faziam outras atividades no telecentro, 86% dos entrevistados responderam que não realizavam nada, no entanto 3% afirmam que já discutiram problemas do bairro e da comunidade no telecentro e 11% deram “outras” respostas como, produzir atividade para a cidade, dar aula no ambiente virtual e trabalho de pesquisa. No Palmas Virtual (86%) e no SESI: IC (86%), dos usuários não realizam nenhuma atividade além da internet.

Na última pergunta sobre “sugestões de melhoria”, muitos dos usuários não tiveram “nenhuma” opinião, no entanto, outra parte dos entrevistados sugeriu melhoria na segurança dos telecentros, softwares e sistemas operacionais mais atualizados nos computadores, manutenção nos equipamentos, mais acessórios (fones de ouvido e



microfone) nos locais, aumentarem o tempo limite no acesso aos computadores e cursos profissionalizantes.

Mesmo com a evolução e a melhoria dos padrões de vida da sociedade, há várias pessoas que utilizam os ambientes virtuais gratuitos, por inúmeros motivos, alguns são por razão de tempo ou custo (dinheiro). Os telecentros mesmo com a procura feita por vários tipos de indivíduos, os locais não agradam ou transmitem uma liberdade completa aos frequentadores desses ambientes. Por essa razão, muitos dos entrevistados responderam como “pesquisa”, o maior “uso da internet” nos telecentros. Os telecentros são importantes para o desenvolvimento em sociedade, pois incentivam os cidadãos na procura de padrões melhores de vida, além de produzirem e socializarem conhecimento.

4. Considerações Finais

Podemos dizer que os telecentros Palmas Virtual e SESI: IC são locais que praticam ações de inclusão digital. Por meio das visitas feitas a esses locais podemos perceber que as atividades voltadas para o conhecimento e inclusão da sociedade na esfera digital poderia ser mais efetiva.

No entanto, a abertura dos ambientes e a frequência dos usuários nos telecentros prova que tais ambientes são necessários e bastante úteis para a melhoria de vida dos indivíduos.

Sabemos que a inclusão digital deve ser uma realidade vivida pelos cidadãos e são projetos semelhantes aos que pesquisamos que podem ser considerados o pontapé inicial. A pesquisa apresenta vários pontos que servem de base para os gestores políticos e demais indivíduos da sociedade procurar garantir a “inclusão” no universo digital e melhoria nos padrões de vida na sociedade contemporânea.

5. Referências

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 7. ed. v. 1, São Paulo: Paz e Terra, 2003.

JAMBEIRO, Othon; STRAUBHAAR, Joseph (orgs.). **Informação e Comunicação: o local e o global em Austin e Salvador**. Salvador: UDUFBA, 2004. p. 357.

LEMONS, André. **Cibercidade. Um modelo de inteligência coletiva**. In: Lemos, André. (org). Cibercidade. As cidades na cibercultura. Rio de Janeiro, ed. E-papers., 2004, p. 19-26.



LEMOS, André; COSTA, Leonardo Figueiredo. **Um modelo de inclusão digital:** o caso da cidade de Salvador. In: Eptic Online. Revista Eletrônica Internacional de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación., Volume VII, n. 6, Sep. – Dic. 2005.

LEMOS, André (org). **Cidade Digital:** portais, inclusão e redes no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 206.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Rio de Janeiro, Ed. 34, 1999.

MARTINI, Renato. **Inclusão digital e inclusão social.** Inclusão Social, Brasília, v. 1, n. 1, p. 21-23, out./mar., 2005.

NERI, Marcelo Cortês (Coord.). **Mapa da Exclusão Digital** – Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003. 143p.

SORJ, Bernardo. **Brasil@povo.com:** a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação. Brasília: UNESCO, 2003. p. 176.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social:** a exclusão digital em debate. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2006.